



Para enfrentar a morte com leveza

“Amor, eu não vou morrer nunca.
Você também não.”

POR CRISTIANA GUERRA

“Minha avó perdeu o marido aos 23 anos – tinha duas filhas e estava esperando a terceira. Sempre me impressionou o fato de minha mãe não ter conhecido o próprio pai. Minha avó paterna se casou com o viúvo da irmã. Viveu até os 95 com o entusiasmo de uma criança. Sou bem parecida com ela. Também costumo rir de mim mesma e sinto que vou viver muito. Minha mãe era um misto de força e doçura. Meu pai falava pouco. A voz era grossa. Tiveram cinco filhos, dos quais sou a caçula temporã. Brinquei sozinha e sozinha tive de desbravar alguns caminhos. Aos 55 anos, minha mãe morreu de câncer. Para mim foi mais difícil conviver com os dois anos da doença do que com a morte. Com a ida de quem fazia a ponte entre nós, eu e meu pai finalmente nos conhecemos. Um dia, num tempo em que eu vinha trabalhando muito, ele me ligou no celular: ‘Tô com saudades.’ Foi um dos

maiores presentes que ganhei na vida. Mas ele se foi sete anos depois dela, também por causa de um câncer. Da falta deles fiz um retrato de parede inteira para, ao acordar, continuar dizendo bom-dia.

Eu me casei com um cara muito diferente de mim. Engravidei logo, mas tive um aborto em seguida. Engravidei de novo, perdi mais uma vez. Passamos um ano obcecados por uma nova gravidez. Éramos uma combinação infeliz: juntos, tínhamos o pior um do outro. O casamento durou dois anos e meio. Já esqueci as coisas ruins. O aprendizado, não.

Mas um novo amor veio de onde eu nunca poderia imaginar. Um longo abraço a cada manhã no trabalho. Era assim a nossa amizade. Está certo que eu gostava do cheiro dele, da temperatura do seu corpo. Mas nunca parei para pensar nisso. Foram necessários um verão, uma pista de dança, nós dois rodeados para só termos olhos um para o outro. E isso fez uma revolução em mim. 'É tudo verdade', ele me escreveu no dia seguinte. O primeiro de uma série de *e-mails* trocados no trabalho, um de frente para o outro, separados (ou unidos?) pelos computadores.

Em pouco tempo, vi crescer dentro de mim um amor que não cabia. Eu tinha urgência de viver tudo, inteira, intensa. Sentia um medo inexplicável de que ele fosse embora de repente.

Ele sabia escolher as palavras. Sabia estar presente mesmo de longe. Tinha

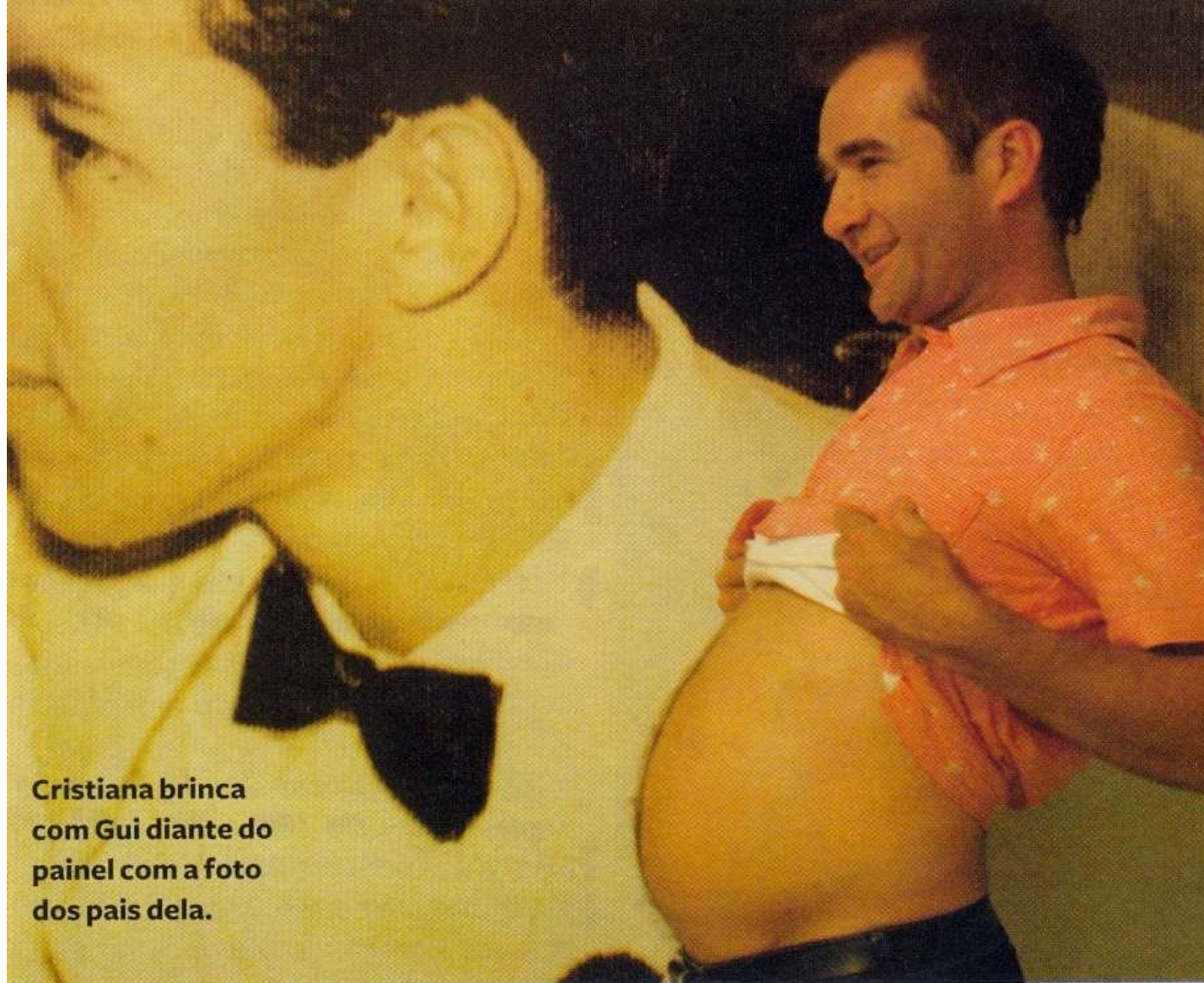
um delicioso senso de humor. Eu nunca tinha convivido com alguém tão suave.

Passávamos boa parte do tempo rindo. Cantávamos nas viagens de carro, assistíamos à novela, líamos nas manhãs de sol. Coisas simples faziam do nosso dia-a-dia um luxo. Eu tinha aquela sensação quase de alívio, de quando a gente encontra o amor de verdade.

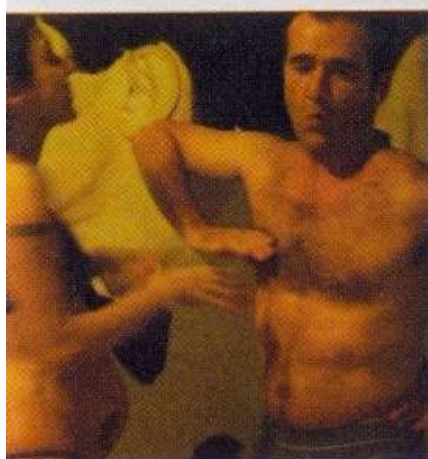
A notícia da vinda do Francisco foi um susto delicioso. Depois, o medo de perdê-lo. No primeiro ultra-som, media apenas 7 milímetros, mas seu coração se fazia ouvir bem alto. Um desses raros momentos em que a gente sabe direitinho o que é felicidade: aquele espaço ínfimo entre uma ansiedade e outra, em que tudo parece perfeito. E é.

A barriga crescia e, com ela, meu amor pelo Gui, o amor dele por mim, minha confiança no futuro, nossos planos de finalmente construir uma família. E o medo da perda ia desfocando na minha cabeça. Na virada para 2007, na praia, tínhamos feito dezenas de novos amigos. E minha maior felicidade era saber que enfim tínhamos chegado ao ano em que Francisco iria nascer.

Paz no trabalho, nosso filho chegando, nosso amor um verdadeiro descanso na loucura. Nessas horas, temos muito a perder. Era estranho. Bastava não conseguir falar com ele pelo telefone para pensar no pior. Quantas vezes ele se irritou com isso. 'Tenho tanto medo de você morrer', comentei com ele em



Cristiana brinca com Gui diante do painel com a foto dos pais dela.



janeiro. Ele sorriu: 'Amor, eu não vou morrer nunca. Você também não.'

O dia 17 de janeiro amanheceu ensolarado, como ele gostava. Comi o restinho do pote de geléia de morango que ele tinha feito para mim e fui para o trabalho. No fim da manhã, enviei um *e-mail* que não teve resposta. Horas ligando para o trabalho, para o

celular, para casa. Incrível a rapidez com que comecei a construir a notícia na minha cabeça.

Uma porta, o olho mágico caindo, um buraco revelando o que eu tanto temia. Finalmente a porta arrombada e eu sem coragem de entrar. 'Meu amor, nosso filho', eu me lembro de ter gritado. Um amigo me abraçava



Cristiana e Francisco, aos 7 meses, em Minas Gerais, onde moram.

forte. Ainda bem que ele estava ali para me segurar.

Lembro de uma sensação insuportável de injustiça e de uma esperança absurda de que tudo fosse um equívoco. Nossa vida me veio à cabeça como um filme, mas um filme sobre o futuro. Aquela era a morte de tudo com o qual eu e ele havíamos sonhado. Como, se nosso filho ainda nem nasceu? Se ontem à noite ele estava comigo e tínhamos tantas certezas? Como, se ele tinha a alegria tatuada no braço?

Parecia o desfecho de uma história fantástica. A cena congelada para nos ajudar a acreditar. Por pouco não ouvi a trilha sonora e os aplausos. Teve platéia, sim. Amigos que não paravam

de chegar. Tanta gente deixando o choro de lado para poder me acudir.

Se o coração dele simplesmente parou de bater (ele provavelmente foi vítima de uma arritmia cardíaca), o coração do Francisco dentro de mim é que me manteve viva. Eu tinha medo de acordar no dia seguinte. Era tanta falta para tanto tempo pela frente. Mesmo assim, o humor não me faltou. 'Já posso dar um depoimento para *Páginas da vida*', eu disse, quando me levaram para casa. Era um jeito de sobreviver. A maneira suave como tudo aconteceu soou em mim como uma grande violência.

E eu descobriria uma inesperada semelhança com minha avó materna.

Alguém poderia dizer 'Você é forte, já perdeu pai e mãe'. Mas é muito diferente. Ele não era de onde eu vim, era para onde eu ia.

Amigos fazendo o almoço, dormindo comigo, montando o quarto do Francisco. Irmãos, tias, primos, abraços, *e-mails*, vozes, mãos preciosas ao meu redor. 'Não, eu não posso desistir, tenho tanta gente querendo me ver bem.' E eu, sempre independente, aprendi a dizer 'Preciso de você'.

'Organizaste uma festa em mim e é por isso que eu canto assim.' O samba do Nelson Cavaquinho que ele me mandou no começo foi o mesmo que, na hora do enterro, cantei no meio da multidão. Eu só tinha uma urgência: dizer que era recíproco, agradecer por ele ter passado pela minha vida. 'O seu amor é tão bonito', ele me disse na noite anterior. E era mesmo.

E, quando o que você mais teme

acontece, você está livre para não temer mais nada. Livre para saber que a vida não pode ser controlada e que há algo de maravilhoso nisso.

Francisco. Uma família nova que aprendo a conhecer a cada dia. Alegria. Um olhar diferente para o mundo. Dois anos na minha vida que me mudaram mais do que todos os outros. E uma delicadeza que já faz parte de mim. É valiosa a herança que ele me deixou.

Não por acaso, nosso filho nasceu em 21 de março, primeiro dia do outono – e a nossa história tinha começado no dia da chegada do verão. Francisco veio determinado: parto normal, rápido e tranquilo. Tão pequeno e já tão grande, parecido com o pai e tão único, ele fez nascer de novo o meu amor pelo Gui. Vivi tudo com a intensidade que o momento pedia. Pari o filho e o choro. No meu momento mais triste, a alegria começava de novo.

Seu sorriso me dizia que ele não tinha trazido com ele a dor da perda. Mas eu ainda sentia necessidade de falar sobre isso.

Em julho, decidi escrever para o Francisco e assim nasceu meu primeiro *blog*: www.parafrancisco.blogspot.com.

Depois, de brincadeira, fiz um *blog* mais leve, mostrando todo dia a roupa que eu tinha escolhido para ir trabalhar (www.hojevouasim.blogspot.com). Esse fez sucesso e acabou divulgando o outro. E as pessoas se surpreendem ao perceber que por trás do que parece uma mulher exibicionista há alguém que não perde o bom humor após tantas perdas. E que cria seu filho pequeno com muita alegria.

Para mim, a surpresa foi descobrir que o *Para Francisco* ganha a cada dia mais leitores, que se emocionam e deixam comentários como este: ‘Não conheço. Nunca vi. Mas, pelos poucos *posts* que li, fica claro que Francisco tem um grande pai.’ Sim, filho, você o tem.

Saber que consegui criar um espaço onde o Gui está sempre vivo é o que me trouxe paz. Gosto da mãe que sou. Vejo e vivo o Francisco e isso é maravilhoso. Mas continuo buscando o sentido em mim. Porque um dia o nosso filho vai ganhar o mundo, e a essa altura eu já quero ter me ganhado de novo.

Como cantava Dinah Washington enquanto dançávamos na sala, ‘*It’s very clear: our love is here to stay*’ (Nat King Cole).”

NOTÍCIAS COM UMA PITADA DE HUMOR



“Homem invade casa de mulher e rouba só um relógio e um machado” – a polícia suspeita de que ele estava apenas matando o tempo.

“Praga de caracóis invade Minnesota” – andem para salvar suas vidas!

fark.com